

PRONTO-SOCORRO SOB ÁGUA

Fernanda Lambach
Da equipe do Correio

Emergência do Hospital de Base do Distrito Federal, 7h30 de ontem. Ouviu-se um barulho seco e água começou a jorrar pelo teto forrado com apenas sete centímetros de argamassa. "É o dilúvio. Em Osasco morreram por causa de uma explosão, vamos morrer afogados", pensou Estela Pereira da Silva que estava acompanhando o filho Magnum, 8 anos, vítima de um atropelamento.

A inundação não foi tão grave assim, mas a água que subiu na altura da canela de enfermeiros, médicos e acompanhantes de pacientes causou um transtorno fenomenal.

Não caiu qualquer pedaço de teto sobre os doentes, mas alguns ficaram molhados ou receberam respingos da chuva que despencava do teto.

TUMULTO

A pequena Elaine Aparecida, 7 anos, estava tão traumatizada com o acidente que sofreu na porta da escola que não ligou para o tumulto.

Mas o baleado Francisco Dias Pereira, 28 anos, quase esqueceu que estava seriamente ferido e pensou em sair correndo. "Fui o último a sair do posto de atendimento. Eles iam levando todo mundo e me deixaram para trás", reclama Francisco.

Por sorte, não haviam pacientes entubados nem respirando com a ajuda de aparelhos nos postos invadidos pela água. Nenhum acidente sério aconteceu naquela hora, nenhuma ambulância chegou trazendo feridos graves.

Os postos um e dois, onde estavam sendo atendidos, na hora da inundação, 40 pacientes de neurocirurgia e 15 de cirurgia cardiovascular, pediátrica e geral tiveram de ser esvaziados.

OUTUBRO PASSADO

Os médicos repetiram as ações já tomadas em 11 de outubro passado,

Carlos Moura



Vários pacientes do Hospital de Base, molhados pela água do vazamento, tiveram que ser retirados do local. Muitos ficaram no corredor, alguns foram transferidos para outros hospitais

quando a mesma tubulação arrebatou. Naquela vez, o cano era de duas polegadas. Ontem o estouro foi de uma conexão maior, de três polegadas.

Elias Fernando Miziara, diretor do Hospital de Base, relata que a proporção do incidente foi maior do que a de outubro, mas que a equipe já está treinada para agir.

"Outro problema desse tipo pode acontecer a qualquer momento até que a reforma da tubulação da Emergência seja totalmente trocada", alerta Miziara.

"Quando acontece a confusão, a coisa fica feia. Parecia aquelas cenas da Guerra de Secesão no filme *E o Vento Levou...*", conta o chefe do Pronto Socorro, Wanderley Macedo de Almeida.

OPERAÇÃO DE GUERRA

Carregando macas de um lado para outro e ajudando a tirar a água da emergência, Wanderley não escondeu que a equipe já está acostumada a lidar com os problemas de inundação. "Temos o know-how para retirar imediatamente todos os

pacientes daqui de dentro", confessa orgulhoso.

A Defesa Civil e o Corpo de Bombeiros foram acionados e chegaram rapidamente. No total, ajudaram a transportar 84 pacientes para outras áreas do hospital.

Até o início da tarde de ontem dez doentes haviam sido transferidos para o Hospital Regional da Asa Norte e para o Hospital das Forças Armadas. Os 30 casos mais graves foram acomodados em enfermarias do HBDF.

Os bombeiros tiveram de descer

até o subsolo para salvar vários medicamentos que podiam acabar estragando se fossem molhados.

BURACOS

Eles fizeram buracos no teto do pronto-socorro para que a água acumulada entre o térreo e o segundo andar escorresse totalmente, evitando desabamentos.

O posto três da emergência também foi desativado e os pacientes removidos. Muitos, assim como os politraumatizados, ficaram no corredor que liga o pronto-

socorro à direção do hospital. Adverse Baby, coordenador da Defesa Civil, tirou fotos da conexão que foi arrebatada, mas não demonstrou surpresa.

"A determinação de nossos engenheiros é a de que toda a tubulação deve ser trocada. Já houve licitação e a reforma está sendo iniciada", declara.

Baby é da opinião de que os efeitos da inundação de outubro foram piores. "O ângulo do jato d'água era maior e a água ficou caindo por mais tempo", lembra.